

VIDA E OBRA DE GRACILIANO RAMOS

Graciliano Ramos nasceu em *Quebrângulo*, nas Alagoas, em fins de outubro de 1892. Lá passou sua infância e parte da adolescência, repartindo-se, com a família, entre as cidades de Buíque, Viçosa e Palmeiras dos Índios. Primeiro dos quinze filhos, Graciliano foi sempre visto pela família como um sujeito difícil, taciturno e introspectivo.

Fez os estudos secundários em Maceió, sem, no entanto, cursar nenhuma faculdade. O pai vivia do comércio e o filho mais velho foi aventurar-se: esteve, por breve período, no Rio de Janeiro, onde, por volta de 1914, trabalhou como revisor e redator nos jornais *Correio da Manhã* e *A Tarde*.

Ao saber que três de seus irmãos tinham morrido de febre bubônica, retorna ao Nordeste e passa a ser jornalista, fazendo política também. Foi prefeito de Palmeiras dos Índios entre os anos de 1928 e 1930.

De 1930 a 1936 viveu em Maceió, dirigindo a Imprensa e a Instrução do Estado de Alagoas. E é de março de 36 a janeiro de 1937 que vive os mais difíceis dias de sua vida: acusado de subversivo e comunista, passa dez meses de prisão em prisão, sem saber do que o acusam, sem sequer ser ouvido em depoimento ou processado.

Desse tempo nascerá mais tarde *Memórias do Cárcere*, um relato que soma a angústia de existir, o medo e a inquietação. Muda-se para o Rio de Janeiro.

Homem problematizado. A mania de higiene sempre o acompanhou, há quem diga que ao manusear dinheiro, o escritor utilizava uma tesoura para não se sujar. Diziam ser um sujeito ríspido, que respondia aos cumprimentos de “bom-dia” com um seco “por quê?”. Quando lhe pediam a opinião sobre algum livro, garantia: “Não li e não gostei.”

Em 1945, filiou-se ao Partido Comunista Brasileiro e, em 1952, viajou para a Rússia e países comunistas.

As dificuldades financeiras o acompanharam a vida inteira. Sua produção literária foi lenta e mal remunerada, acumulando funções além da de escritor. Nunca se submeteu ao patrulhamento ideológico dos companheiros do Partido Comunista, que insistiam para que sua obra se voltasse para um realismo socialista. Graciliano preferia denunciar a miséria brasileira por meio de personagens ásperas e uma linguagem sem rebuscamentos.

Morreu no Rio de Janeiro, em 1953, vítima de câncer.

Suas obras já foram traduzidas para o russo, francês, inglês e alemão. E, em 1964, o romance *Vidas Secas* ganhou versão cinematográfica pelas mãos de Néelson Pereira dos Santos.

O ESCRITOR

Poucos escritores podem dizer que escreveram unicamente sobre o que conheciam. Graciliano foi assim, mas isso não fez dele um narrador “espontâneo”, nem de sua prosa um texto solto e fluente. O regionalismo salta aos olhos em suas obras, mas a sua universalidade também é mais visível que a de qualquer outro escritor tido como regionalista — sua ligação com o Nordeste nunca rendeu livros de fácil exportação ou que provocassem emoções fáceis, advindas do estranhamento da gente do sul. O engajamento social, outra de suas preocupações, não transformou seus livros em panfletos políticos ou obras datadas.

Na verdade, a principal dimensão de sua obra nunca foi a terra ou mesmo a luta, mas sim o homem. O realismo dos cenários e da ação é tão forte quanto o aprofundamento psicológico das personagens, descritas em cada ato cotidiano, permitindo ao leitor compreender e justificar até mesmo seus gestos arrebatados, seus atos mais passionais.

A OBRA

Quatro das principais obras de Graciliano surgem nos anos 30, década áurea do romance de cunho regional e social. Em *Caetés*, de 1933, o protagonista João Valério escreve um livro sobre a vida dos índios caetés, durante o período colonial, e acaba fazendo analogia entre os antropófagos e a sociedade em que vive. Seu segundo romance, *São Bernardo*, retrata Paulo Honório, um proprietário de terras que vai perdendo seu valores humanos em favor de uma visão do mundo baseada estritamente no lucro. Casando-se apenas para ter um herdeiro, apaixona-se pela esposa no momento em que sua fazenda entra em crise. *Angústia*, de 1936, escrito no cárcere, apresenta Luís da Silva, outro narrador-protagonista dilacerado entre necessidades e sentimentos. E, em 1938, recém-saído da cadeia, publica seu maior sucesso, *Vidas Secas*. Pela primeira vez um romance de Graciliano não é narrado em primeira pessoa. Há uma fusão entre o discurso indireto e o pensamento das personagens expressos diretamente, especialmente os de Fabiano, o retirante, e de Baleia, sua cadela, a personagem mais humanizada do livro. A obra é a mais forte denúncia da condição subumana em que vivem os nordestinos despossuídos nos sertões da seca.

Duas obras memorialistas, *Infância* (1945) e *Memórias do Cárcere* (publicada postumamente, em 1954), recordam a vida da criança e do adulto, e mostram o mesmo drama: a luta do ser humano contra a violência da sociedade e do Estado.

Romances	Memórias	Literatura Infantil	Conto
<i>Caetés</i> (1933)	<i>Infância</i> (1945)	<i>Histórias de Alexandre</i> (1944)	<i>Insônia</i> (1947)
<i>Angústia</i> (1936)	<i>Memórias do Cárcere</i> (1954)	<i>Dois Dedos</i> (1945)	
<i>São Bernardo</i> (1938)	<i>Viagem</i> (1954)	<i>Histórias Incompletas</i> (1946)	
<i>Vidas Secas</i> (1938)	<i>Linhas Tortas</i> (crônicas, 1962)		
	<i>Vivente das Alagoas</i> (1962)		

RESUMO DA OBRA

Luís da Silva é um tímido e solitário funcionário público, que vive num bairro distante e pobre, numa casa velha, cheia de ratos. Além de trabalhar o dia todo na repartição, à noite, para ganhar uns trocados, escreve textos sob encomenda para um jornal. Após trinta dias de cama, recuperando-se de uma enfermidade, causada por um abalo nervoroso, vê-se de pé, retornando ao trabalho e às atividades normais, enfim, à rotina. Nesse processo, pelo fio da memória, tenta recuperar o passado, a fim de reconstruir o que havia ocorrido:

“Levantei-me há cerca de trinta dias, mas julgo que ainda não me restabeleci completamente. Das visões que me perseguiram naquelas noites compridas umas sombras permanecem, sombras que se misturam à realidade e me produzem calafrios.

Há criaturas que não suporto. Os vagabundos, por exemplo. Parece-me que eles cresceram muito, e, aproximando-se de mim, vão gemer peditórios: vão gritar, exigir, tomar-me qualquer coisa. (...)

Vivo agitado, cheio de terrores, uma tremura nas mãos, que emagreceram. As mãos já não são minhas: são mãos de velho, fracas e inúteis. As escoriações das palmas cicatrizaram.”

Faz constantes alusões à sua infância — relata várias histórias desse tempo por todo o decorrer do romance. Volta a ser criança na fazenda do avô Trajano, grande latifundiário decadente, decrépito e beberrão. Lembra-se da avó, do pai Camilo — preguiçoso, que só vivia lendo, deitado na rede:

“Volto a ser criança, revejo a figura de meu avô, Trajano Pereira de Aquino Cavalcante e Silva, que alcancei velhíssimo, os negócios na fazenda andavam mal. E meu pai, reduzido a Camilo Pereira da Silva, ficava dias inteiros manzanzando numa rede armada nos esteios do copiar, cortando palha de milho para cigarros, lendo o Carlos Magno, sonhando com a vitória do Partido que Padre Inácio chefiava.”

Seu avô, o velho Trajano, teve poder e escravos. O pai, Camilo Pereira da Silva, pegou os negócios da fazenda quando iam mal. Aos catorze anos perdeu o pai. A lembrança conduz o narrador a imagens da morte do pai. Ele estava na escola, tinha catorze anos e, ao voltar para casa, *“ele estava estirado num marquesão, coberto por um lençol branco que lhe escondia o corpo todo até a cabeça. Só ficavam expostos os pés, que iam além de uma das pontas do marquesão, pequeno para o defunto enorme.”*

“Desejava em vão sentir a morte de meu pai. Tudo aquilo era desagradável. [...] Que iria fazer à toa, miúdo que ninguém me via?”

Depois da morte do pai, vai para a cidade, onde passou fome até se estabelecer com emprego. Sempre foi muito só, vivia isolado. *“Eu ia jogar pião, sozinho, ou empinar papagaio sempre brinquei só.”*

Passa horas no café, conversando com Moisés, judeu com idéias comunistas, mas não presta atenção: pensa nas suas dívidas e prestações. Vive agitado, antigas imagens o perseguem, não consegue trabalhar, em tudo vê Julião Tavares e Marina. Esse é seu estado atual: *“Impossível trabalhar. Dão-me um ofício, um relatório para datilografar, na repartição. Até dez linha vou bem. Daí em diante a cara balofa de Julião Tavares aparece em cima do original, e os meus dedos encontram no teclado uma resistência mole de carne gorda. E lá vem o erro. Tento vencer a obsessão, capricho em não usar a borracha. Concluo o trabalho, mas a resma de papel fica muito reduzida.”*

...

“Não consigo escrever. Dinheiro e propriedades, que me dão sempre desejos violentos de mortandades e outras destruições, as duas colunas mal impressas, caixilho, Dr. Gouveia, Moisés, homem da luz, negociantes, políticos, diretor e secretário, tudo se move na minha cabeça, gorda e mole que é, reparando-se bem, a cara balofa de Julião Tavares muito aumentada. Essas sombras se arrastam com lentidão viscosa, misturando-se, formando um novelo confuso.”

...

“Este mês fiz um sacrifício: dei uns dinheiros ao Moisés das prestações. Dr. Gouveia há de ter paciência, espera mais uns dias. Deixarei de andar pela rua do So para não encontrá-lo. O que não posso é esconder-me de Moisés.”

Há cerca de um ano, quando os negócios iam tranquilos e equilibrados, avista pela primeira vez uma nova vizinha: Marina. Moça nova e bonita. Observa-a até travar uma amizade que evolui para namoro. Encontravam-se no quintal da casa. *“Tornei-me amigo de Marina. Com certeza começamos por olhares, movimentos de cabeça, sorrisos, como sempre acontece.”*

Marina gostava de luxo, admirava D. Mercedes, uma espanhola madura da vizinhança, amiga em segredo com um oficial que lhe visita, em casa, alta noite. Luís a repreendia, mas ela insistia em dizer que D. Mercedes era o máximo. Luís conclui: *“(...) Aqui me preocupando com aquela burra! Unhas pintadas, beijos pintados, biblioteca das moças, preguiça, admiração por dona Mercedes — Total = Rua da Lama.”*

D. Adélia, mãe de Marina, pede que Luís arranje um emprego para a filha. Ela queixa-se de tudo: dos preços da hora da morte, do ordenado do marido que era irrisório. Dá a entender a Luís que confia nele, que o vê como homem respeitável: *“— Mas dona Adélia, respondi aflito, a senhora está enganada. Eu sou um infeliz, não tenho onde cair morto. Uma recomendação minha não serve. Mas vou tentar, ouviu?”*

Seu Ramalho, pai de Marina, queixa-se da filha, diz que ela nunca quis estudar; *“entrou na escola e saiu como entrou.”*, gasta com sapatos e roupas e acrescentou: *“O homem que casar com ela faz negócio ruim.”*

Como Marina não permitia maiores intimidades e Luís da Silva gostava muito dela; ficaram noivos. Queria casar logo, deu-lhe todas economias para o enxoval.

“— Marina, a gente deve acabar com isto, minha filha.

Vamos para dentro.

— Vou nada!

Torcia o corpo, defendia a virgindade com unhas e dentes.

— Está direito. Então, é melhor apressar o casório.

— Com que roupa? Disse Marina.

— *Que é que falta?*

— *Tudo. Sou uma noiva pelada, meu filho.*

Impacientei-me:

— *Ora, ora, ora! Entre nós não há cerimônia. Arranja-se. Eu tenho umas economias, pouco, mas tenho. Também você não precisa de muita coisa. Umhas fronhas, umas camisas...*

...

“No outro dia retirei quinhentos mil-réis do banco e fui à casa vizinha.”

Em um festa no Instituto Histórico, Luís da Silva conhece a figura de Julião Tavares: sujeito gordo, vermelho, patriota, falador e escrevedor... *“dias depois fez-me uma visita. Em seguida familiarizou-se. Era Luís para aqui, Luís para ali, elogios na tábua da venda, só com o fim de receber outros. Não tenho jeito para isso. Duas, três horas de chateação, que me deixavam enervado, besta, roendo as unhas.”*

Alguns dias depois, Marina chamou Luís para ver o que comprara com o dinheiro dado por ele: *“Não era quase nada: calças de seda, camisas de seda e outras ninharias.”*

A contragosto, aprova as compras dela e aceita as críticas que ela faz às suas golas puídas e aos sapatos cambados.

“Ofereci a Seu Ivo os meus sapatos cambados e reformei os pés. O dinheiro sumia-se, essas alterações chupavam-me as reservas acumuladas com paciência. Eu vivia preocupado, fazendo cálculos na rua. E ainda não havia comprado uma lembrança para Marina.”

Para agradá-la, Luís liquida a conta no banco e compra-lhe um relógio-pulseira e um anel. Sobraram-lhe míseros vinte mil-réis. Mas confessa que ia cheio de satisfação *“maluca”* pensando em contentá-la, sem se importar se no mês seguinte precisasse pedir cinquenta mil-réis ao Dr. Moisés.

Julião Tavares que, tendo o que Luís não tinha, principalmente dinheiro e posição social, conquistou, facilmente, a leviana Marina que, sem dificuldade, deixou-se seduzir, ignorando Luís.

“Ao chegar à rua do Macena recebi um choque tremendo. Foi a decepção maior que já experimentei. À janela da minha casa, caído para fora, vermelho, papudo, Julião Tavares pregava os olhos em Marina, que, da casa vizinha, se derretia para ele, tão embebida que não percebeu a minha chegada. Empurrei a porta brutalmente, o coração estalando de raiva, e fiquei em pé diante de Julião Tavares, sentindo um enorme desejo de apertar-lhe as goelas. O homem perturbou-se, sorriu amarelo, esgueirou-se para o sofá, onde se abateu.”

...

“Um mês depois éramos inimigos. (...) Marina estava realmente com a cabeça virada para Julião Tavares. (...) O sem-vergonha metera-se na casa, ficava lá horas, íntimo da família, unha com carne. Empurrava a porta, entrava como se aquilo fosse dele.”

...

“Julião Tavares passava como um pavão. E o pessoal se calava, arregalava os olhos para Marina, que não ligava importância a ninguém, ia fofa, com o vestido colado às nádegas, as unhas vermelhas, os beijos vermelhos, as sobancelhas arrancadas a pinça. (...) Sim senhor. Que bicho de sorte! Marina fazia água na boca dos homens.”

...

“Se eu não tivesse cataratas no entendimento, teria percebido logo que ela estava com a cabeça virada. Virada para um sujeito que podia pagar-lhe camisas de seda, meias de seda.”

“Por que foi que aquela criatura não procedeu com fraqueza? Devia ter-me chamado e dito: ‘Luís, vamos acabar com isto. Pensei que gostava de você, enganei-me, estou embeijada por outro. Fica zangado comigo?’ Eu teria respondido: ‘Não fico não, Marina. Você de se casar contra vontade? Seria um desastre. Adeus. Seja feliz.’ Era o que eu teria dito. Sentiria despeito, mas nenhuma desgraça teria acontecido. Lembrar-me-ia de Marina com vaidade, até com orgulho.”

Luís, humilhado e ludibriado, mergulhou no abismo da derrota, adquirindo impulsos mórbidos de morte. Um dia, Ivo, o mendigo que, às vezes, procurava Luís para uma cachacinha e um prato de comida, deixou um rolinho de corda sobre sua mesa, o que lhe despertou um horror incontável.

“— Não quero. Tire isso depressa.

Evitava dizer o nome da coisa que ali estava em cima da mesa, junto ao prato de seu Ivo. Parecia-me que, se pronunciasse o nome, uma parte das minhas preocupações se revelaria. Enquanto estivera dobrada, não tinha semelhança com o objeto que me perseguia. Era um rolo pequeno, inofensivo. Logo que se desenroscara, dera-me um choque violento, fizera-me recuar tremendo. Antes de refletir, tive a impressão de que aquilo que ia amarar ou morder.”

A corda tomou corpo, confundiu sentimentos e, por fim, colocou-a no bolso: **“O coração batia-me desesperadamente.”**

Luís espreitava Marina e Julião e começava a ter devaneios e alucinações. Apesar de tudo, ele ainda nutria esperança que Marina fosse sua: **“Se Marina voltasse... Por que não? Se voltasse esquecida inteiramente de Julião Tavares, seríamos felizes.”**

Ele notou que Julião tinha deixado de visitar Marina. **“Certamente já conseguira seu intento e estava em busca de nova conquista.”** Por acaso, descobriu quem era a nova vítima: uma pobre moça sardenta e engraçada que trabalhava numa loja de miudezas. **“Uma nova Marina, decerto. Logo, estaria ela, também com a barriga crescendo.”**

Abandonada, Marina não saía de casa, andava abatida e constrangida.

Cada vez mais desorientado por seu fantasma, Luís passou a seguir Julião. Descobriu, também, que ele visitava a moça (a sardenta) e voltava de madrugada, a gola erguida para ninguém reconhecê-lo:

“Agora Julião Tavares marchava no escuro, depois de ter abraçado a mocinha sardenta. Ia deitar-se, arrumar talvez uns versos indecentes a respeito de segredos de alcova. Aquela hora não tinha com quem desabafar. O café estava fechado, na praça deserta as luzes cochilavam. (...) Julião Tavares julgava-se superior aos outros homens porque tinha deflorado várias meninas pobres. Pelos modos, imaginava-se dono delas.”

Luís indignava-se, e crescia nele o desejo de vingança. Um certo dia, encontrou Julião no café e, de sua mesa, imaginou-se estrangulando-o com a corda, que trazia no bolso, dada pelo mendigo Ivo. Outro dia, sentindo-se frágil e cheio de culpa, viu-se atrás de Marina, que entrava na casa de uma mulher que fazia abortos. Esperou-a, bebendo cachaça, num bar de frente. Quando ela saiu, com os olhos fundos e pálida como um cadáver, seguiu-a. Ao alcançá-la, desgostoso, agrediu-a moralmente e cobrou-lhe atitudes. **“Fazia tudo aquilo por piedade”**, tinha muita pena de Marina.

Depois de algumas investigações, Luís descobriu o arrabalde onde Julião tinha uma nova aventura. Uma noite, protegido pela densa neblina, esperou-o à saída da casa. À medida que o seguia, atormentado pelas recordações, via Julião que ora sumia e ora surgia, flutuando no nevoeiro espesso. Julião parou para acender um cigarro e Luís, apalpando a corda no bolso, sentia o sofrimento e humilhações vividos, cobrando-lhe compensação. Num gesto rápido, saltou, enlaçou o pescoço do rival que, desprevenidamente, acendia o cigarro. Com toda sua força esticou a corda, estrangulando Julião, que, após debater-se, ali ficou, insignificante, **“coberto de folhas secas, amortalhado na neblina.”**

“Retirei a corda do bolso e em alguns saltos silenciosas, estava ao pé de Julião Tavares.

Tudo isso é absurdo, é incrível, mas realizou-se naturalmente. A corda enlaçou o pescoço do homem, e as minhas mãos apertadas afastaram-se. Houve uma luta rápida, um gorgolejar, uns braços a debater-se. Exatamente o que eu havia imaginado. O corpo de Julião Tavares ora tombava para frente e ameaçava arrastar-me, ora se inclinava para trás e queria cair em cima de mim. A obsessão ia desaparecer. Tive um deslumbramento. O homenzinho da repartição e do jornal era eu. Esta convicção afastou qualquer receio de perigo. Uma alegria enorme encheu-me.

... Julião Tavares estrebuchava. Tanta empáfia, tanta lorota — e estava ali, amunhecado, vencido pelo próprio peso, esmorecendo, escorregando para o chão coberto de folhas secas, amortalhado na neblina.”

Uma imensa felicidade apoderou-se de Luís, que se sentia forte; não era mais aquela pessoa sem importância; todos os sofrimentos e humilhações tornaram-se fumaça; era outro.

No entanto, essa euforia durou pouco, logo sua mente começou a trabalhar, angustiando-o; um imenso pavor e desespero tomaram conta de seu corpo: temia ser descoberto.

Totalmente transtornado, conseguiu chegar em casa, onde acabou uma garrafa de cachaça e dormiu. Na manhã seguinte, sentindo-se doente, não foi trabalhar. Procurou em sua roupa marcas que o pudessem comprometer, mandou a camisa para a lavadeira, picou toda a gravata e deitou-se, entregando-se, desvairada e descontroladamente aos fragmentos de lembranças, extremamente doente, transtornado, sufocado pela angústia.

“— *“Minha Santa Margarida...” O dono da bodega, triste, fincava os cotovelos no balcão engordurado. As crianças faziam voltas em redor da barca de terra e varas. A rapariga pintada de vermelho espalhava um cheiro esquisito. O engraxate escutava histórias de capoeiras. O homem acaboclado cruzava os braços, mostrando bíceps enormes. O mendigo estirava a perna entrapada e ensangüentada. As moscas dormiam, e o mendigo, com a multa esquecida, bebia cachaça e ria. Passos na calçada. Quem ia entrar? Quem tinha negócio comigo àquela hora? Necessário Vitória fechar as portas e despedir o hóspede incômodo que não se arredava da sala. Mas Vitória contava moedas, na parede, resmungava a entrada e a saída dos navios. A placa azul de D. Albertina escondia-se a um canto, suja de piche. Todo aquele pessoal estendia-se perfeitamente. O homem cabeludo que só cuidava da sua vida, a mulher que trazia uma garrafa pendurada ao dedo por um cordão, Rosenda, cabo José da Luz, Amaro Vaqueiro, as figuras de um reisado, um vagabundo que dormia debaixo das árvores, tudo estava na parede, fazendo um zumbido de carapanãs, um burburinho que ia crescendo e se transformava em grande clamor José Bahia acenava-me de longe, sorrindo, mostrando as gengivas banguelas e agitando os cabelos brancos. — José Bahia, meu irmão, também estás aí? “José Bahia, trôpego, rompia a marcha. Um, dois, um, dois... A multidão que fervilhava na parede acompanhava José Bahia e vinha deitar-se na minha cama. Quitéria, Sinhá Terta, o cego dos bilhetes, o contínuo da repartição, os cangaceiros e os vagabundos, vinham deitar-se na minha cama. Cirilo de Engrácia, esticado, amarrado, marchando nas pontas dos pés mortos que não tocavam o chão, vinha deitar-se na minha cama. Fernando Inguítai, com o braço carregado de voltas de contas, vinha deitar-se na minha cama. As riscas de piche cruzavam-se, formavam grades. — “José Bahia, meu irmão, há quanto tempo!” As crianças corriam em torno da barca. “José Bahia, meu irmão, estamos tão velhos!” Acomodavam-se todos. 16.384. Um colchão de paina. Milhares de figurinhas insignificantes. Eu era uma figurinha insignificante e mexia-me com cuidado para não molestar as outras. 16.384. Iamos descansar. Um colchão de paina.”*

SÍNTESE DO ENREDO

Luís da Silva, funcionário burocrático da Fazenda, em Maceió, escreve artigos, por encomenda, nas horas vagas, para um jornal. Arrasta, na cidade grande, uma vida mesquinha, devida não apenas a seu ordenado de quinhentos mil-réis, como também toda sorte de misérias que teve de suportar para atingir essa precária situação.

Chagado da zona rural, medigou na Capital, dormiu em bancos de jardim, morou em pensões que eram verdadeiros chiqueiros, *“gastou-se em curvaturas na caça ao pistolão”*, para aos trinta e cinco anos poder considerar-se apenas um *“homem feio, de ocupações marcadas pelo regulamento, um valor miúdo, uma espécie de níquel social”*, que conseguiu tão-somente alugar uma casa de arrabalde e ter por empregada doméstica “uma negra surda, reumática e cheia de manias.”

Tipo solitário e arredio, Luís acostumou-se a receber ordens — na família, na escola, no exército, no trabalho. Fora dessa ordens, o silêncio e a indiferença o cercam, vive em isolamento tal, que se agrada dos passageiros do bonde que lhe pisam os pés, porque são obrigados a voltar-se para ele, atenciosos, para pedir desculpas.

O cotidiano de Luís da Silva é simples e mesquinho, dividido entre o trabalho na repartição pública, as tardes no quintal, lendo romances medíocres, e a visita dos amigos Moisés, Pimentel e Seu Ivo. Esporadicamente passeia pela cidade, vai ao Café, ou ao Instituto Histórico, onde se aborrece com leitura de sonetos, recitais de música e muita retórica vazia.

Em uma das tardes em que está lendo, entediado, um dos habituais romances, avista, no quintal vizinho, uma jovem, Marina, que o atrai profundamente. Faz amizade com a jovem e, em poucos dias, estão namorando. Luís apaixonou-se por Marina e a pede em casamento. Como Marina é uma mulher fútil, cheia de vaidade e ambiciosa, aceita o pedido de casamento, mas suas aspirações estão longe da vida modesta que Luís da Silva pode oferecer-lhe. Decidido a casar, Luís entrega à namorada suas parcas economias para a compra de um enxoval que ele jamais verá: o dinheiro é quase todo gasto em meias de seda e pó-de-arroz.

Em uma das visitas ao Instituto Histórico, Luís da Silva conhece Julião Tavares. Desde o início, Luís alimentara uma indistigável antipatia por Julião Tavares, sujeito gordo, risonho, patriota e hipócrita, filho de prósperos negociantes de secos e molhados, bacharel em direito, reacionário e católico; figura asquerosa de “dono do mundo”. Porém, mesmo contra a vontade de Luís da Silva, o homem passa a frequentar constantemente sua casa. É nessas visitas que Julião Tavares conhece Marina e passa a assediá-la. Marina se deixa seduzir sem dificuldade e Luís da Silva, tomado pelo ciúme e pelo sentimento de derrota, deixa-se arrastar para um abismo interior sem volta.

Vários acontecimentos, como a gravidez de Marina (que esperava um filho de Julião Tavares), o aborto a que ela se submete, vão aumentando o ódio que Luís sente por ele. Para complicar a situação, Seu Ivo lhe dá uma corda de presente. Essa corda lhe inspira vários devaneios associados à idéia de morte e assassinato. Matar Julião Tavares torna-se, então, a obsessão de Luís da Silva. Em uma noite de delírios, Luís persegue o rival e o estrangula, com a corda presenteada pelo Seu Ivo, na ilusão de auto-afirmação, para, em seguida ao choque de retorno de seus impulsos, desequilibrar-se completamente. Depois de uma longa doença, provocada pelo abalo nervoso que o assassinato lhe provocara, Luís da Silva conta sua própria história.

PERSONAGENS

Luís da Silva: narrador e protagonista. É o anti-herói que, em primeira pessoa, relata um ano de sua vida. Um homem com os nervos em frangalhos, trinta e cinco, feio, funcionário público: *“Trinta e cinco anos, funcionário público, (...) Além de tudo, sei que sou feio.”*

“Um sujeito feio: olhos baços, o nariz grosso, um sorriso besta e a atrapalhão, o encolhimento que é mesmo uma desgraça. (...) Habituei-me a escrever, como já disse. Nunca estudei, sou um ignorante, e julgo que os meus escritos não prestam. (...) Trabalho num jornal. À noite dou um salto por lá, escrevo umas linhas. (...)”

Luís é produto da sociedade rural em decadência, pertencendo a dois mundos com os quais não consegue se identificar. O passado de desagregação da família ruralista a que pertence e o presente urbano em que se insere, não lhe trazem qualquer segurança ou compensação. Caracteriza-se como a própria imagem dessa dissolução na ausência significativa dos sobrenomes ancestrais importantes: apenas Luís da Silva, enquanto o avô fora Trajano Pereira de Aquino Cavalcante e Silva.

A constante evocação de um passado decadente envolve a personagem em motivações psico-sociais, que se reúnem num complexo gerador e determinantes de suas opções como ser (indivíduo). A liberdade inexiste, tudo se acha previamente decidido e Luís da Silva, sem vontade, passivo e submisso, deixa-se envolver por todas as situações, arrastando-se por caminhos sem saída.

Encurralado, sobrevive, alimentado por uma neurose que tem caminho certo: o crime. Quando imagina Julião Tavares numa fornalha *“derretendo as banhas”*, não está sonhando: é um desejo que ainda quer ver realizado.

Isolado como pessoa, obcecado pelo ciúme, talvez pudesse respirar como ser social, como um intelectual que possui manuscritos guardados, periodicamente revistos, severamente julgados. Mas não, a prisão é a mesma, se não pior. Não existe possibilidade de identificação do seu trabalho com o mundo que o esmaga.

Na ânsia de libertar-se das baneiras asfixiantes, é dominado pela idéia fixa de vingança: após o rompimento torna-se monomaniaco — só destruindo o seu rival, e Julião Tavares personifica tudo aquilo que ele não é, tudo aquilo que o conduziu a uma vida inútil e sem sentido —, é possível recuperar o equilíbrio perdido, afirmar-se como homem autêntico, superar a sua condição de **coisa** inerte e desprezível. O assassinio lhe parece a única maneira de sentir uma liberdade sempre desejada e jamais alcançada, a única forma real, possível de realização humana:

“Nas redações, na repartição, no bonde, eu era um trouxa, um infeliz, amarrado. Mas ali, na estrada deserta, (Julião Tavares) voltar-me as costas como a um cachorro sem dentes! Não. Donde vinha aquela grandeza? Por que aquela segurança? Eu era um homem. Ali eu era um homem ... A obsessão ia desaparecer. Tive um deslumbramento. O homenzinho da repartição e do jornal não era eu ... Tinham-me enganado. Em trinta e cinco anos haviam-me convencido de que só me podia mexer pela vontade dos outros. Os mergulhos que meu pai dava no poço da Pedra, a palmatória do mestre Antônio Justino, os berros do sargento, a grosseria do chefe da repartição, a impertinência macia do diretor, tudo virou fumaça.”

“O proprietário da casa, o diretor da repartição, o chefe da redação são homens que me dominam sem mostrar o focinho, manifestam-se pelo arame, num pedaço de papel.”

Mata o rival: o inimigo tangível, símbolo de tudo o que ele odeia. Ou seja, Julião Tavares funciona como uma projeção das suas frustrações, dos seus recalques e dos seus desejos reprimidos.

Imediatamente após o assassinato, Luís da Silva diz *“veio-me a certeza de que me havia tornado velho e impotente. — Inútil, tudo inútil.”*

Julião Tavares: rico bacharel, metido a patriota discursador. Gordo, carão redondo e vermelho, representa o chato, o intragável conquistador barato: seduzia as moças pobres, abandonando-as a seguir. Luís conhece-o, uma noite, no Instituto Histórico, passa a odiá-lo pelo seu jeito acanhado: *“Tudo nele era posição, era dos outros.”* Logo depois de engravidar e abandonar Marina, já está de amante nova, mocinha pobre dos arrabaldes. É assassinado por Luís da Silva.

Marina: *“Cabelos de milho, unhas pintadas, beijos vermelhos e o pernão aparecendo ...”* É uma jovem mulher, vulgar, ambiciosa e extremamente interesseira. Vizinha e namorada do protagonista. Depois de gastar as economias do noivo em um enxoval irrealizado, deixou-se seduzir por Julião Tavares sem qualquer resistência. Grávida, é abandonada pelo “amigo” de Luís da Silva.

Sr. Ramalho: pai de Marina, homem decente e sistemático, torna-se amigo de Luís e avisa-o de que a filha não é *“grande coisa”*.

Dona Adélia: mãe de Marina, queixa-se freqüentemente de tudo e, segundo a visão do narrador, é a responsável pela “perdição da filha”. Ao contrário do marido, justifica todas as ações da filha. Estimula-a a um casamento de conveniência e joga-a de encontro a Julião, quando descobre que ele é rico.

Vitória: empregada de Luís da Silva. Velha, maníaca, lê todos os dias as notícias de saídas e chegadas de navios. Tagarela com o papagaio, mudo, a quem pretende ensinar palavras. Furta moedas encontradas pela casa e, junto com seu salário, enterra no fundo do quintal, na horta, ao lado dos pés de alface.

“A voz é áspera e desdentada. E, acompanhando a cadência, tremem as pelancas do pescoço de peru, tremem os pêlos do buço e as duas verrugas escuras. É terrivelmente feia.”

Sr. Ivo: pobre coitado que viaja por todo lado, *“entra nas casas sem se anunciar”* e está sempre faminto. É dele que o narrador recebe, como presente, a corda com a qual enforcará Julião.

Moisés: judeu amigo do protagonista. Credor de Luís, envergonha-se de cobrar o amigo. É socialista e pessimista inveterado.

FOCO NARRATIVO E DISCURSO

A obra, relatada em 1ª pessoa (narrador-personagem), não apresenta divisão estrutural em capítulos: é escrita como um fluxo confessional, um relato de arrependimento, uma confissão de um homem desesperado.

Uma autobiografia de um narrador emocionalmente perturbado, assustado com as proporções de seus próprios atos, um delírio que, na estrutura narrativa, apresenta-se como desordenação e fragmentação de idéias, tempo que se estrelaça sem indicação de passado e presente. Por isso o **monólogo interior** (em sua forma radical da *stream of consciousness*) substitui, freqüentemente, como técnica narrativa, a narração tradicional:

“Esse passatempo idiota dá-me um espécie de anestesia: esqueço as humilhações e as dívidas, deixo de pensar.”

“Quando a realidade me entra pelos olhos, o meu pequeno mundo desaba.”

“A cadeira perto da cama, o livro fechado sobre a palha. — A calça está rasgada. ‘Cosa o rasgão com uma corda.’ Albertina de tal, parteira diplomada. Escuridão. Um estremecimento, uma queda. Ia cair da cama, o chão se abriria, eu rolaria pelos séculos dos séculos fora disto. O espírito de Deus boiava sobre as águas.”

* *stream of consciousness*: fluxo de consciência

TEMPO NARRATIVO

Sob o ponto de vista do tempo físico (cronológico), os fatos que motivam a narração de Luís da Silva têm a duração de menos de um ano.

“Foi lá que vi Marina pela primeira vez, em janeiro do ano passado. E lá nos tornamos amigos.”

Nesse intervalo de tempo, Luís conhece Marina, apaixonou-se; perde a namorada, que se deixa envolver pelos galanteios de Julião Tavares, e finalmente comete o crime.

O narrador conta *“Foi entre essas plantas que, no começo do ano passado, avistei Marina pela primeira vez, suada, os cabelos pegando fogo”*, é a partir desse fato que ele começa a contar a sua história, pelo menos no que se refere aos acontecimentos cruciais da narrativa. Sob esse ângulo de análise, é possível constatar que Luís da Silva inicia o relato de sua história trinta dias após o

restabelecimento de seu estado febril causado pelo crime: *“Levantei-me há cerca de trinta dias, mas julgo que ainda não me restabeleci completamente,”* diz o narrador na primeira frase da obra.

Mais que o enredo, o que interessa em **Angústia** é a vida interior e a análise psicológica do narrador Luís da Silva. Assim, predomina no romance o **tempo psicológico**. O tumulto psicológico da personagem acaba confundindo presente e passado. As lembranças do narrador invadem o presente, fundindo, por meio das mais variadas associações, o presente e o passado. A presença de um tríplice tempo — o da narração do presente, o da recordação da infância e do passado e dos devaneios subjetivos (o tempo subjetivo interior) — introduz um universo fragmentado e estilhaçado.

Embora os acontecimentos da narrativa decorram no intervalo de um ano, o narrador no remete a fatos ocorridos na sua infância e juventude. Desse modo, **o tempo se estilhaça**, as idéias surgem fragmentadas, soltas, que se presentificam com observações pessimistas:

“Volto a ser criança, revejo a figura de meu avô, Trajano Pereira de Aquino Cavalcante e Silva, que alcancei velhíssimo, os negócios na fazenda andavam mal. E meu pai, reduzido a Camilo Pereira da Silva, ficava dias inteiros manzanzando numa rede armada nos esteios do copiar, cortando palha de milho para cigarros, lendo o Carlos Magno, sonhando com a vitória do Partido que Padre Inácio chefiava.”

...

“Há quinze anos, era tudo diferente: dividia o quarto que morava com Dagoberto, que era estudante e repórter, havia um calor infernal e um cheiro de gás invadia o ar.”

...

“O carro passa pelos fundos do Tesouro. É ali que trabalha. Ocupação estúpida e quinhentos mil-réis de ordenado.”

Não obstante as constantes evocações do passado, o tempo faz um movimento circular: a narrativa começa trinta dias após o restabelecimento de Luís da Silva e termina nos momentos mais intensos de febre e delírio, ocorridos em consequência do crime. Ou seja, **a noção de tempo não obedece ao padrão lógico de continuidade temporal**.

A NARRATIVA E A LINGUAGEM DO NARRADOR

Angústia é uma narração desesperada da tentativa de colocar em ordem os fatos e a vida: a decepção amorosa, o ciúme, o desejo contido e humilhado, a mulher escolhida pertencendo a outro. O ódio pela perda gera o crime; o assassinato que transtorna o narrador-personagem e o põe doente, após matar o adversário.

Angústia é narrado em primeira pessoa, por um homem atormentado e preso a uma vida medíocre, a uma rotina de onde emerge para o drama passionai. Tem a obsessão de criar uma obra, um romance e termina pelo relato da própria vida, da experiência amarga em que se mete e de onde olha o mundo.

Não são somente os acontecimentos atuais que ele revolve: é o conjunto terrível de suas lembranças de homem que se confundem: a infância desolada, o isolamento, o sentimento de inferioridade, as necessidades físicas, as urgências emocionais.

Em seu artigo *“Angústia, uma teoria do romance de Graciliano Ramos”* (Estado de São Paulo, 10/09/2000), o professor **Ivan Teixeira**, da USP, escreveu:

“Angústia possui estrutura de autobiografia, podendo ser entendido como espécie de diário íntimo, com notável progressão no andamento do assunto: origina-se na alucinação decorrente do ciúme e da idéia do crime, passa pela reconstituição de seus motivos, até chegar, sempre em meio à memória afetiva, ao crime propriamente dito. Essa ordem decorre da racionalização da leitura, que seleciona, corta, ata, intercala e reata, porque vê tudo de fora, depois que tudo foi vivido e relatado pela personagem em desespero. Mas ela própria, que sentiu intensamente os acontecimentos que narra, não consegue organizá-los de maneira coerente. Para ela, tudo é confuso e caótico, porque, ao falar, ainda se encontra emocionada com o que fala. Cada pormenor assume importância desmedida, até mesmo os olhos do gato que a espia do muro, horas depois do crime. O livro é organizado de modo a sugerir impressão de desarranjo e absurdo, pois procura representar as categorias subterrâneas de um indivíduo atormentado pelo isolamento e pela mania de auto-análise.”

Tudo é confuso e caótico. É o fluxo de lembranças desordenado que chama a atenção do leitor: o pensamento navega solto, ao sabor das recordações que se hierarquizam de acordo com o valor que se dá a elas.

“Levantei-me há cerca de trinta dias, mas julgo que ainda não me restabeleci completamente. Das visões que me perseguiram naquelas noites compridas umas sombras permanecem, sombras que se misturam à realidade e me produzem calafrios.”

Há criaturas que não suporto. Os vagabundos, por exemplo. Parece-me que eles cresceram muito, e, aproximando-se de mim, vão gemer peditórios: vão gritar, exigir, tomar-me qualquer coisa. (...)

Vivo agitado, cheio de terrores, uma tremura nas mãos, que emagreceram. As mãos já não são minhas: são mãos de velho, fracas e inúteis. As escoriações das palmas cicatrizaram.”

O romance é pura memória, uma espécie de diário onde se registram, de forma desordenada, alucinada e aleatória os fatos que magoaram o narrador. Some-se a isso a culpa que sente pelo ato cometido e, por fim, acrescenta-se a mágoa que, pouco a pouco, transforma-se em rancor contra a mulher que um dia amou (ou apenas desejou) e quis para si.

“Na forma de Angústia, o egoísmo do personagem principal se afirma pela concentração do romance em sua própria pessoa. Luís da Silva é todo o romance Angústia. Contando a sua história, Luís da Silva absorve-a em si mesmo. O romance toma, por isso, a forma e as dimensões do seu espírito. Torna-se um diário que a personagem escreve posteriormente. A sua memória se desdobra em ziguezague e a narração romanesca acompanha fielmente esse ziguezague da memória de Luís da Silva. O seu método é o da confissão psicanalítica: uma palavra que explica a outra, um pensamento que esclarece o outro.

E também o da associação de idéias: uma idéia que atrai outra idéia, uma lembrança que sugere outra lembrança. Luís da Silva não vive senão da sua memória e da imaginação. Mas a sua imaginação, no romance, constitui um resultado da memória. Luís da Silva conta o que imaginou anteriormente; a sua imaginação já se tornou um fato do passado, um patrimônio da memória.” (Álvaro Lins, *Os Mortos de Sobrecasaca*, Ed. Civilização Brasileira, 1963)

No romance, o que mais chama a atenção é a impotência do protagonista em sair dos seus delírios. Significativo é o fato de que a seqüência das últimas páginas do romance está nas primeiras: isso caracteriza uma circularidade, um universo fechado do qual o gesto tresloncado de Luís da Silva não conseguiu libertá-lo. Portanto, a idéia central da obra reside nessa impotência do protagonista em superar a insignificância da vida e a solidão: a inutilidade de todos os esforços.

“Levantei-me há cerca de trinta dias, mas julgo que ainda não me restabeleci completamente. Das visões que me perseguiram naquelas noites compridas umas sombras permanecem, sombras que se misturam à realidade e me produzem calafrios.

Há criaturas que não suporto. Os vagabundos, por exemplo. Parece-me que eles cresceram muito, e, aproximando-se de mim, vão gemer peditórios: vão gritar, exigir, tomar-me qualquer coisa. (...)

Vivo agitado, cheio de terrores, uma tremura nas mãos, que emagreceram. As mãos já não são minhas: são mãos de velho, fracas e inúteis. As escoriações das palmas cicatrizaram.”

BIBLIOGRAFIA

- Ramos, Graciliano - *Angústia*, Livraria Martins Editora, São Paulo, 1964, 9ª ed.
- Puccinelli, Lamberto - *Graciliano Ramos*, Edições Quíron/Mec, 1975
- Brayner, Sônia - *Graciliano Ramos*, Coleção Fortuna Crítica 2, Editora Civilização Brasileira, Rio de Janeiro, 1977
- Cândido, Antônio - *Formação da Literatura Brasileira*, 2 vols, Editora Itatiaia/Edusp, Belo Horizonte, 1975
- Cândido, Antônio e Castello, Aderaldo - *Presença da Literatura Brasileira*, Difel, 1976
- Todovov, Tzvetan - *As Estruturas Narrativas*, Editora Perspectiva, São Paulo, 1970